

MARCOS ANTONIO ZAGO
PRESIDENTEEDUARDO MOACYR KRIEGER
VICE-PRESIDENTE

CONSELHO SUPERIOR

CARMINO ANTONIO DE SOUZA, IGNÁCIO MARIA POVEDA VELASCO, JOÃO FERNANDO GOMES DE OLIVEIRA, LIEDI LEGI BARIANI BERNUCCI, MARILZA VIEIRA CUNHA RUDGE, MARCO ANTONIO ZAGO, MAYANA ZATZ, MOZART NEVES RAMOS, PEDRO LUIZ BARREIROS PASSOS, PEDRO WONGTSCHOWSKI, RONALDO ALOISE PILLI, VANDERLAN DA SILVA BOLZANI

CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

CARLOS AMÉRICO PACHECO
DIRETOR-PRESIDENTECARLOS HENRIQUE DE BRITO CRUZ
DIRETOR CIENTÍFICOFERNANDO MENEZES DE ALMEIDA
DIRETOR ADMINISTRATIVO

Pesquisa

ISSN 1519-8774

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Henrique de Brito Cruz (Presidente), Caio Túlio Costa, Eugênio Buccì, Fernando Reinach, José Eduardo Krieger, Luiz Davidovich, Marcelo Knobel, Maria Herminia Tavares de Almeida, Marisa Lajolo, Mauricio Tuffani e Mônica Teixeira

COMITÊ CIENTÍFICO

Luiz Henrique Lopes dos Santos (Presidente), Américo Martins Craveiro, Anamaria Aranha Camargo, Ana Maria Fonseca Almeida, Carlos Américo Pacheco, Carlos Eduardo Negrão, Douglas Eduardo Zampieri, Euclides de Mesquita Neto, Fabio Kon, Francisco Antônio Bezerra Coutinho, Francisco Rafael Martins Laurindo, Hernan Chaimovich, José Roberto de França Arruda, José Roberto Postali Parra, Lucio Angnes, Luiz Nunes de Oliveira, Marco Antonio Zago, Marie-Anne Van Sluys, Maria Julia Manso Alves, Paula Montero, Roberto Marcondes Cesar Júnior, Sérgio Robles Reis Queiroz, Wagner Caradori do Amaral e Walter Colli

COORDENADOR CIENTÍFICO

Luiz Henrique Lopes dos Santos

DIRETORA DE REDAÇÃO

Alexandra Ozorio de Almeida

EDITOR-CHEFE

Neldson Marcolin

EDITORES Fabrício Marques (Política & T), Glenda Mezarobba (Humanidades), Marcos Pivetta (Ciência), Carlos Fioravanti e Ricardo Zorzetto (Editores especiais), Maria Guimarães (Site), Yuri Vasconcelos (Editor-assistente)

REPÓRTERES Christina Queiroz, Rodrigo de Oliveira Andrade

REDATORES Jayne Oliveira (Site) e Renata Oliveira do Prado (Mídias Sociais)

ARTE Claudia Warrak (Editora), Alexandre Affonso (Editor de infografia), Felipe Braz (Designer digital), Júlia Cherem Rodrigues e Maria Cecilia Felli (Assistentes)

FOTÓGRAFO Léo Ramos Chaves

BANCO DE IMAGENS Valter Rodrigues

RÁDIO Sarah Caravieri (Produção do programa Pesquisa Brasil)

REVISÃO Alexandre Oliveira e Margô Negro

COLABORADORES Bruno de Pierro, Diego Freire, Domingos Zapparoli, Felipe Cavalcante, Frances Jones, Karl Erik Schellhammer, Rodrigo Elias Oliveira, Rogério Assis, Sarah Schmidt, Sidnei Santos de Oliveira, Veridiana Scarpelli

REVISÃO TÉCNICA Adriana Valio, Ítalo Delalibera Júnior, José Roberto de França Arruda, Lucio Angnes, Luiz Augusto Toledo Machado, Luiz Nunes de Oliveira, Maria Beatriz Florenzano, Paulo Artaxo, Ricardo Hirata, Walter Colli

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DE TEXTOS, FOTOS, ILUSTRAÇÕES E INFOGRÁFICOS
SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO

TIRAGEM 30.180 exemplares
IMPRESSÃO Plural Indústria Gráfica
DISTRIBUIÇÃO DINAPGESTÃO ADMINISTRATIVA FUSP – FUNDAÇÃO DE APOIO À
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULOPESQUISA FAPESP Rua Joaquim Antunes, nº 727,
10º andar, CEP 05415-012, Pinheiros, São Paulo-SPFAPESP Rua Pio XI, nº 1.500, CEP 05468-901,
Alto da Lapa, São Paulo-SPSECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CARTA DA EDITORA

Os desafios da Amazônia

Alexandra Ozorio de Almeida | DIRETORA DE REDAÇÃO

O debate sobre o futuro da Amazônia depende essencialmente de como se define desenvolvimento. Diversas iniciativas governamentais – e privadas, muitas vezes ilegais – desde os anos 1970 estão centradas na ideia de ocupação do território para atividades agropecuárias e de mineração, além do uso dos rios para geração de energia elétrica, mesmo que implique a derrubada descontrolada da floresta. A região Norte é a mais pobre do país e o desmatamento contínuo, que já consumiu 20% da área original da floresta no Brasil, afeta negativamente o clima regional, com impacto no continente e no restante do planeta.

A floresta amazônica exerce um papel fundamental na chamada química atmosférica: é uma gigantesca fonte de vapor-d'água. Leva chuva da região Norte até a bacia do rio da Prata, favorecendo, por exemplo, a atividade agropecuária da região Centro-Oeste. Um estudo mostra que o desmatamento total ou parcial das três grandes florestas tropicais do mundo – da bacia do Congo e do Sudeste Asiático, além da amazônica, a maior delas – causaria um aumento da temperatura do planeta de 0,7°C, o que equivale a boa parte do aquecimento causado pela ação humana desde a Revolução Industrial.

O ecossistema rico e delicado da Amazônia demanda um modelo de desenvolvimento próprio, que privilegie as particularidades da floresta, aproveitando sua imensa biodiversidade e respeitando a população local – indígenas, ribeirinhos e moradores das cidades. A discussão deve contemplar questões como manejo sustentável de recursos como pesca, madeira e frutos, a oferta de infraestrutura para seus habitantes (na região que concentra 20% de água doce de toda a Terra, 30% da população não tem acesso à água potável e 87% vive sem coleta de esgoto), o combate ao desmatamento ilegal, a grilagem de terras públicas, en-

tre outros pontos. A ciência tem a contribuir: no estudo da biodiversidade; na domesticação de espécies nativas com relevância comercial; na recuperação de pastagens abandonadas para uso em uma agricultura mais tecnológica e uma pecuária mais intensiva, ou em floresta.

Pesquisa FAPESP dedica 26 páginas desta edição ao tema. Elas mostram os mecanismos que fazem da Amazônia um elemento central do clima global (página 18) e como o desmatamento está levando a mudanças como o prolongamento da estação seca (página 24). O desenvolvimento sustentável da região é tema de reportagem à página 32, complementada por entrevistas (páginas 30 e 40) com o ecólogo Paulo Moutinho, do Ipam, e o químico Lauro Barata, professor visitante sênior da Ufopa.

*

No final da década de 1980, os primeiros indígenas brasileiros ingressaram em cursos de graduação. Trinta anos depois, com doutorado concluído, alguns se tornaram cientistas e desenvolvem pesquisas em áreas do conhecimento que vão desde a etnografia até a agroecologia e a educação. Sua presença na academia tem ampliado o escopo de investigações científicas, com a proposição de novas questões para os diferentes campos do saber onde atuam (página 80).

Revelador de sua forma de ver o mundo e a si mesmos, os Tupi demonstravam um conhecimento de anatomia que não encontrava tradução para o português. Escrito no final do século XVI pelo padre jesuíta Pero de Castilho, *Nomes das partes do corpo humano, pella língua do Brasil* foi o primeiro dicionário brasileiro sobre o corpo humano, trazendo a visão dos Tupi (página 92). Termos sem equivalência tiveram que ser descritos, como *bopitéraiaçaba*, os “riscos da palma da mão” (hoje, pregas palmares).